



Desafio da qualificação

Com somente 13% dos brasileiros entre 18 e 24 anos no ensino superior e uma taxa de evasão de 13,2% no ensino médio, o sistema educacional do país não tem conseguido dar conta da tarefa de oferecer qualificação aos jovens, diz Marcelo Neri.

Procura-se qualificação

Precariedade da formação do jovem pede políticas específicas para essa faixa. Por **Carmen Nascimento**, para o **Valor**, de São Paulo

Os jovens brasileiros não têm uma vida fácil. Eles têm de enfrentar não apenas um sistema educacional deficiente, mas também uma conjuntura bastante desfavorável no que diz respeito ao ingresso no mundo do trabalho.

Dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad) de 2007 mostram que são restritas as oportunidades profissionais para essa população. Eles representam cerca de 63% do total de desempregados no país. Enquanto a taxa de desemprego entre os adultos é de 4,8%, entre os jovens ela chega a 14%, de acordo com análise da Pnad realizada pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea).

Em termos mundiais, o quadro não é diferente. O relatório Panorama Laboral 2008, da Organização Internacional do Trabalho (OIT), mostra que, no ano passado, a taxa de desemprego juvenil foi 2,2 vezes maior que a taxa de desocupação total. "Os jovens têm menos experiência, o que dificulta a sua entrada no mercado", diz Marcelo Neri, economista-chefe do Centro de Políticas Sociais da Fundação Getúlio Vargas. "O mais preocupante é a falta da formação e da qualificação necessárias para que o jovem cresça profissionalmente."

De fato, as estatísticas mostram que o sistema educacional brasileiro não tem conseguido dar conta da sua tarefa de oferecer uma formação completa aos estudantes brasileiros. A Pnad 2007 revela que, dos 82,1% dos adolescentes entre 15 e 17 anos que frequentam a escola hoje, 44% não concluíram nem o ensino fundamental. Apenas 48% cursavam o ensino médio, o nível que seria adequado a essa faixa etária. Do grupo de jovens de 18 a 24 anos, apenas 13% estão no ensino superior — e sua taxa de escolarização vem caindo nos últimos anos. Segundo a Pnad, passou de 34% em 2003 para 30,9% em 2007.

Além de poucos estudantes conseguirem chegar até o ensino médio, muitos acabam por deixar a escola antes de completar seus estudos. A taxa de abandono nessa etapa é de 13,2%, segundo o Ministério da Educação. E, embora aproximadamente um terço dos jovens viva em famílias consideradas pobres, segundo o Ipea, o abandono dos estudos não se dá por falta de condições financeiras. De acordo com o estudo Motivos da Evasão Escolar, coordenado por Neri e que leva em conta as informações dos microdados dos Suplementos de Educação da Pnad, a principal razão é a falta de interesse dos estudantes pela escola — 40,3% das respostas.

A necessidade de trabalhar aparece em segundo lugar, com 27,1%.

“O jovem não está conseguindo enxergar a educação como um instrumento para melhorar sua vida e que o ensino fundamental é apenas o mínimo para conseguir um trabalho”, aponta Wanda Engel, superintendente-executiva do Instituto Unibanco, um dos apoiadores do estudo. “Na sociedade do conhecimento em que vivemos, é fundamental ter no mínimo onze anos de estudo para ter acesso a melhores oportunidades”, completa. Os números mostram o impacto que a escolaridade tem sobre a renda e a empregabilidade das pessoas. Segundo Neri, a renda média de quem completa o ensino médio salta de R\$ 700 para R\$ 1.600, ou seja, mais que duplica. Já a taxa de ocupação passa de 68% para 78%.

Outro efeito da falta de qualificação é a precarização das condições de trabalho. De acordo com o relatório Jovens em Situação de Risco no Brasil, publicado pelo Banco Mundial em 2007, quase 60% dos brasileiros entre 15 e 19 anos são trabalhadores não remunerados ou sem carteira de trabalho assinada. Entre o grupo de 20 a 24 anos, o número cai para cerca de 33%.

Para especialistas em educação, a mudança desse quadro passa necessariamente pelo estabelecimento de políticas públicas voltadas para essa população. “Temos um diagnóstico bem claro da situação dos jovens brasileiros, mas ainda não atuamos de forma consistente para melhorá-la”, afirma Maria do Carmo Brant de Carvalho, superintendente do Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária (Cenpec). Na sua opinião, além de programas de correção de fluxo—que permitam ao jovem aprender de forma rápida os conteúdos necessários para acompanhar o ensino médio, que não obteve por conta da baixa qualidade do ensino fundamental—, é importante uma política de oferta de atividades socioculturais para ampliar suas habilidades de comuni-

cação e relacionamento. “Não adianta apenas oferecer capacitação profissional ou oportunidades de trabalho, porque, sem uma formação escolar e sociocultural densa, o jovem pode até entrar no mercado, mas acaba não conseguindo se manter e evoluir”, explica.

Diretamente atingido pela falta de qualificação de mão-de-obra, o setor privado tem investido em diferentes iniciativas voltadas para a melhoria da educação e da capacitação de jovens entre 15 e 24 anos.

No caso da Basf, que há 27 anos mantém o Projeto Crescer, para profissionalização e educação de adolescentes de baixa renda em São Bernardo do Campo e Guaratinguetá (SP), há mudanças recentes. A cada ano, o programa atende cerca de 120 adolescentes entre 15 e 21 anos, oferecendo bolsas de estudo para cursos técnicos profissionalizantes de nível médio e atividades culturais e de preparação para o exercício da cidadania. Em 2008, de olho nas mudanças do mercado de trabalho, o programa passou a dar ênfase em empreendedorismo. “Só a capacitação técnica não é mais suficiente para garantir um emprego hoje”, diz Gislaïne Rossetti, diretora de comunicação social da Basf.

O Programa Futuro em Nossas Mãos é mantido pela Votorantim Cimentos com apoio do Instituto Votorantim. Desde o seu início, em 2003, já formou como pedreiros mais de 9 mil jovens de 18 a 29 anos. Além de receber formação básica para atuar como assentadores e revestidores de alvenaria, os jovens aprendem a se relacionar com outros profissionais da construção civil, além de desenvolver habilidades de gestão e empreendedorismo. “Também procuramos assegurar o primeiro emprego para esses jovens profissionais. E temos tido resultado: cerca de 70% deles conseguem ser contratados no primeiro mês após o curso”, afirma Marcelo Chamma, diretor comercial da Votorantim Cimentos e responsável pelo programa.

A Microsoft Brasil mantém o Programa Students to Business (S2B), com treinamento para estudantes dos ensinos médio técnico e para universitários em tecnologias específicas para a área de desenvolvimento de software e de infraestrutura de TI. “O programa foi criado por solicitação do próprio mercado de TI, que tem muita dificuldade em encontrar profissionais qualificados. Ajudamos as duas pontas: os jovens, a encontrar trabalho; e nossos parceiros e clientes, a preencher suas vagas de emprego”, conta Amintas Neto, gerente de novas tecnologias e plataformas para o se-

tor acadêmico da Microsoft Brasil. Segundo a empresa, dos 20 mil participantes da última edição do programa, 1.300 foram contratados logo após o término do curso.

Já o Formare, embora tenha nascido como iniciativa interna da Iochpe-Maxion há 21 anos, tomou-se uma franquia social. Cerca de 52 empresas em todo o Brasil mantêm hoje escolas Formare em suas unidades, com apoio da Fundação Iochpe, oferecendo cursos de educação profissional em período integral para jovens de famílias de baixa renda com idade entre 15 e 17 anos.

Além de receber uma formação específica ligada aos negócios da empresa que oferece o curso, com certificado emitido por uma instituição federal de ensino tecnológico, os alunos têm aulas de comunicabilidade, trabalho em equipe, solução de problemas, visão de futuro e cidadania, que os preparam para atuar em qualquer setor. “Cerca de 85% dos alunos do Formare foram absorvidos pelo mercado de trabalho após o curso, em 2007. Além disso, esses jovens melhoraram seu desempenho na escola, tiveram mais oportunidades de ascensão profissional e aumentaram sua renda”, conta Beth Callia, coordenadora do programa na Fundação Iochpe.

A Fundação Itaú Social, por sua vez, aposta em um modelo diferente para ampliar as perspectivas de futuro dos jovens. Em vez de oferecer capacitação técnica para o mercado, o Programa Jovens Urbanos oferece um conjunto de ações de formação para jovens de 16 a 21 anos moradores das periferias de grandes cidades, com o objetivo de facilitar o acesso aos recursos culturais, profissionais e de geração de renda que esses centros oferecem, mas dos quais estão excluídos. “Sem usufruir desses recursos, os jovens acabam ficando com um repertório cultural e de comunicação empobrecido, o que diminui suas oportunidades de trabalho, gerando um círculo vicioso de exclusão e pobreza”, afirma Isabel Santana, gerente de projetos sociais da Fundação Itaú Social. Para estimular sua participação no programa, bem como sua permanência na escola e a conclusão dos estudos, os jovens recebem um benefício financeiro, concedido por meio de programas oficiais de transferência de renda.

De acordo com Isabel Santana, os jovens que passaram pelo programa alcançam renda pessoal 60% maior do que um grupo não participante com as mesmas características socioeconômicas. Eles também têm mais oportunidades de emprego.



Jovens que participam de programa de formação na Knorr-Bremse: 85% dos alunos do Formare, projeto que tem franquias, são absorvidos pelo mercado de trabalho logo após o curso